

Deolinda Milhano

Dicionário  
de  
Ditados  
(Provérbios)  
e  
Frases Feitas

**3.ª edição**



Edições Colibri

## Prefácio

O Povo Anónimo continua sendo o fiel depositário da sabedoria acumulada ao longo da densidade dos séculos e transmitida pelo encadeado das gerações. Deste modo, é também através da Cultura dita Popular que herdámos muitos ensinamentos que nos cabe preservar, para que não venham a cair no mais ingrato dos esquecimentos.

No seu quotidiano mais ou menos penoso, o homem que tirava da terra o seu sustento e o da família que tinha a cargo, servia-se muitas vezes destas frases feitas para gerir o seu dia-a-dia e, em jeito de quem empiricamente faz pedagogia, também através dos “Ditados” ensinava à descendência formas bonitas e saudáveis de ser gente.

No campo da moral novamente surgiam os “Ditados” com a sua força convincente e como exemplo do que se devia ou não devia fazer, sempre com espírito construtivo, na ânsia de formar cidadãos mais aptos a enfrentarem e a vencerem as dificuldades duma vida nem sempre fácil e, frequentemente, mais madrastra... do que Mãe.

Nos pequenos aglomerados populacionais, e sobretudo nos meios rurais ainda hoje podemos, com relativa frequência, ouvir alguns destes aforismos, reminiscências de um falar bem português, que sempre gosto de saborear.

É, pois, nesta ordem de ideias que surge esta preciosa compilação de adágios, feita com esforço e espírito de Missão, pela Dr.<sup>a</sup> Deolinda Milhano, num louvável propósito de transmitir aos vindouros este autêntico tesouro, de valor inestimável, que se não fosse reunido em livro se haveria de dispersar, primeiro... e de desaparecer num futuro mais ou menos próximo.

Afinal, nesta era da globalização e da perda de identidade das pessoas e dos povos, ainda há quem, louvavelmente, gaste o seu tempo em prol, da comunidade que será tanto mais rica e tanto mais livre, quanto mais e melhor conhecer a suas raízes mais ancestrais.

Tenho para mim que um povo que não conhece o seu passado, que ignora as forma de expressão daqueles de quem herdámos o sangue e todo o

património que nos legaram... jamais se poderá sentir plenamente realizado, por lhe faltarem os alicerces que dão consistência ao presente e hão-de projectar o tempo que há-de vir.

Lendo e meditando esta autêntica antologia do saber popular, todos ficamos imensamente mais ricos, pelo que saúdo a Dr.<sup>a</sup> Deolinda Milhano por esta feliz iniciativa, a todos os títulos louvável, pelo seu muito mérito e deixo uma palavra de especial apreço para as Edições Colibri e para o seu Director, Dr. Fernando Mão-de-Ferro, sempre atento aos reais interesses culturais da sua cidade de Portalegre.

Portalegre, 25 de Novembro de 2007

João Ribeirinho Leal

## Nota Explicativa

Quando iniciei a recolha de provérbios não foi com a intenção de os publicar em livro, mas sim de os acrescentar ao meu repertório. Nasci e cresci em meio rural e sempre ouvi os meus pais e as pessoas com quem lidava utilizarem na sua conversação os ditados, daí habituei-me a eles, à sua riqueza, à moral que eles encerram. Ganhei gosto por essas frases pré elaboradas e comecei a esforçar-me por memorizar, se não tinha à mão papel e lápis que me permitissem registar por escrito, sempre que ouvia algum desconhecido. Mais tarde, em trabalhos escolares, foi com muito agrado que fiz recolha de provérbios. Posteriormente, já então professora, também eu incentivei os alunos a essa recolha do Património Oral que depois explorávamos nas aulas. Trabalho pedagógico que, geralmente, quando bem incentivado lhes dá prazer e devidamente analisado os enriquece. O fascínio mantinha-se e continuei a registar os que ouvia oralmente, lia em revistas, jornais, livros, ou os que pessoas amigas, sabendo deste meu gosto, me recolhiam (citarei muito em especial a Senhora D. Luísa Lopes da Silva que, numa letra por vezes quase indecifrável, me fornecia os que rapidamente conseguia captar de programas televisivos e a D. Maria Semedo que me cedeu o caderno da sua recolha). Assim, grão a grão, fui juntando centenas... que passaram a milhares... Primeiro manuscritos, depois dactilografados, mais tarde impressos. Dezenas... centenas... de páginas guardadas.

Reflectindo na pergunta: – Para que queres tantos provérbios? Também eu me interroguei: Que vantagem? Qual o proveito de os guardar só para mim? E ocorreu-me a hipótese: Por que não dar-lhe a forma de livro e pô-los à disposição de todos os que apreciam a linguagem popular, dá-los a conhecer às gerações mais novas, deixar como contributo às vindouras? Não é um projecto pioneiro mas será mais uma achega para que não se perca esta riqueza tradicional, que é a cultura popular criada ao longo de gerações. Tratou-se, pois, de uma recolha pessoal, inconsciente, longa, de décadas, sem qualquer intenção que não fosse o fascínio que me propor-

cionava aumentar cada vez mais o número de ditados, como se de uma colecção palpável se tratasse. Contudo a sua riqueza é tão vasta que esta continua a ser uma obra inacabada e ainda que prolongasse por mais décadas a recolha não conseguiria reunir todas essas frases que fazem parte da cultura pessoal e social, que são parte de um colectivo, a que chamamos ditados.

Ditado, provérbio, máxima, rifão, adágio, anexim... considero que são sinónimos, talvez apenas uns mais populares outros mais pomposos, mais eruditos, pelo que optei pela palavra DITADOS em memória ao povo que usava essa linguagem popular, riquíssima, cheia de sabedoria empírica, que chegou até nós, passada espontaneamente de boca em boca, e que ainda hoje muitos de nós usamos, quase sem nos apercebermos, essencialmente os mais velhos, ou os que, tal como eu, oriundos de meio rural, cresceram envolvidos por uma linguagem impregnada dessas frases simples cheias de doutrina. Englobei também neste trabalho as consideradas frases feitas. Não sei muito bem onde essas expressões deixam de ser provérbios para serem frases feitas, talvez que os ditados encerram moral, uma sentença, enquanto que as frases feitas por vezes não têm grande nexos, mas adaptam-se igualmente à frase, à conversação e intercalam-se com naturalidade cabendo ao interlocutor descodificá-las. Variando de região para região, tanto uns como outras, vindo de gerações seculares, atravessaram épocas, sofreram transformação, até deturpação, mas sobreviveram e chegaram à contemporaneidade com cunho actual ou, com o evoluir dos tempos, desactualizados e só poderão ser entendidos pelos que conheceram as realidades do passado, essencialmente do passado rural. Há os que incluem vocábulos que não fazem parte do dicionário, termo que parece estar ali encaixado na frase por uma questão de rima para os tornar melodiosos e rimados<sup>1</sup>. São frases que contêm um valor significativo, adaptam-se a todos, pobres e ricos, a cada situação e deles se tiram lições. Foram sendo criados à medida das necessidades e da evolução dos tempos.

Uns intemporais e universais:

– *A justiça tarda mas não falha.*

– *Em boca fechada não entra mosca.*

---

<sup>1</sup> Março, polarço, as noites como os dias, os meses como os marcos.

Alguns recentes e contemporâneos:

– *A vida é como os interruptores: umas vezes para baixo outras para cima.*

– *A televisão pode dar muita coisa menos tempo para pensar.*

Outros pela sua desactualização no tempo ou pelos vocábulos utilizados não são entendíveis actualmente:

– *Azeite dai-mo à ceia<sup>2</sup> e tirai-mo à candeia<sup>3</sup>.*

– *Chapéu de pobre vive mais tempo nas mãos que na cabeça<sup>4</sup>.*

– *Um cravo com outro se tira<sup>5</sup>.*

– *A cavalo curto pensa largo<sup>6</sup>.*

Todos criados à medida das necessidades, enriquecem o vocabulário, tornam-se benéficos no discurso, fazem parte da cultura popular, e, como diz o ditado: ***Não há rifão velho se é dito a propósito...***

Deolinda Milhano

---

<sup>2</sup> Ceia: refeição tomada à noite.

<sup>3</sup> Candeia: objecto metálico que servia para dar luz através de uma torcida, imersa em azeite, feita de uma tira de tecido usado.

<sup>4</sup> Antigamente os homens usavam chapéu e por educação os mais pobres ao cumprimentarem os mais ricos tiravam o chapéu da cabeça e com ele na mão faziam o gesto de cumprimento.

<sup>5</sup> Cravo: espécie de prego utilizado nas ferraduras dos burros, mulas, cavalos...

<sup>6</sup> Significa que cavalo (ou qualquer outro animal) estando preso se lhe deve dar alimento suficiente. Utilizava-se a palavra pensa/pensar os animais no sentido de trata/tratar/dar comida.